

Os muros que guardam histórias: Cemitério das Polacas de Cubatão

Walls That Hold Stories: The Cemetery of the Polacas in Cubatão
Los muros que guardan historias: Cementerio de las Polacas de Cubatão

Syntia Pereira Alves¹

Resumo: Há inúmeras maneiras de se estudar uma sociedade humana. Os cemitérios se provam como parte indispensável para um estudo abrangente de uma sociedade, e portanto, seus estudos caracterizam parte inescapável e de importante lugar nas ciências sociais. Por serem os cemitérios um espelho das sociedades dos vivos que os produzem, o estudo de um cemitério pode iluminar muitos pontos de uma sociedade à qual não temos mais acesso. No presente trabalho, essa relação é evidenciada e aprofundada pelo Cemitério Israelita de Cubatão, na Baixada Santista, até pouco tempo esquecido ou ocultado pela sociedade.

Palavras-chave: Cemitério; Cubatão; polacas, judeus.

Abstract: There are a myriad of ways to study a human society. Cemeteries prove to be an indispensable part of a comprehensive study of a society and therefore their studies characterize an inescapable and most important part of social science. On the basis that cemeteries are nothing more than a mirror of the societies of the living that made it, the study of a cemetery can illuminate many points of a society we no longer have access to. In this work, this relationship is evidenced and deepened by the medium of the Cemitério Israelita de Cubatão, in Baixada Santista, until recently, forgotten or hidden by society.

Keywords: Cemetery; Cubatão; polacs, jewish.

Resumen: Hay inúmeras formas de estudiar a una sociedad. Los cementerios se muestran parte indispensable para un estudio amplio de una sociedad, y desde luego, se caracterizan como fundamentales en las ciencias sociales. Comprendiendo los cementerios como un espejo de la sociedad producida por los vivos, el estudio de un cementerio puede aclarar puntos de una sociedad a los cuales no hay acceso. En el presente trabajo, esa relación es evidenciada y profundizada por el Cementerio Israelita de Cubatão, en la Bajada Santista, hasta poco tiempo, olvidado o escondido.

Palabras clave: Cementerios; Cubatão; polacas; judios.

Cemitérios como fonte de informação sobre os vivos

Segundo Geertz (2019), a morte, vista do ponto de vista social, é um elemento. Neste sentido, o tema é fonte de atenção de pesquisadores, de diversas áreas, que buscam nas “deposições intencionais” informações que caracterizam “[...] o comportamento dos humanos modernos (*Homo*

¹ Doutora em Ciências Sociais (PUC - SP), coordenadora e docente do Bacharelado em Arqueologia da Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). Email: syntia.alves@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7997-2918>.

sapiens), diferentemente das outras espécies de *Homo*” (Bartel, 1982, p. 3). Tal afirmação aponta para a constante de que, em qualquer sociedade a ser estudada, há ritos de passagem elaborados pelo próprio grupo. Os sepultamentos e seus ritos têm muito a aportar nas questões sobre organizações sociais, pois “a obtenção de informações sobre os sistemas socioculturais do passado passa necessariamente pelo estudo investigativo de antigas sepulturas humanas [...]” (Mignon, 1993, p. 4). Os ritos e elementos funerários nos permitem entender elementos sociais do passado e também assinalam mudanças no círculo social dos vivos, pois são “[...] representações e respostas humanas ao fenômeno morte, nas perspectivas sincrônicas e diacrônicas, na história humana de curta ou de longa duração” (Oliveira, 2018, p. 18).

Assim, estudar a morte, especialmente do ponto de vista dos remanescentes materiais, proporciona compreender outros elementos importantes da sociedade observada, como a economia, a política, as religiões, as questões de convenções sociais e *status*. Tanto do ponto de vista da arqueologia quanto da antropologia social, os mortos nunca são finitos em si mesmos, mas frequentemente se apresentam como uma janela pela qual podemos ver sua sociedade de outra forma. Neste caso, se encontram grupos extintos ou que foram apagados deliberadamente - como refugiados de guerra, grupos escravizados ou inimigos do Estado.

Pesquisar sobre a morte em uma sociedade, como ela é entendida, tratada, compartilhada entre os membros do grupo, é olhar o modo de vida de seus vivos, e muitas vezes se encontram informações em cemitérios ou sepultamentos que não estão registrados em documentos históricos, especialmente quando é algo que se tem o interesse em apagar. Desta forma, os lugares também podem ser observados como documentos não verbais de uma sociedade, em especial quando se busca compreender as ocupações ocorridas em determinada paisagem, considerando não apenas os artefatos arqueológicos, mas todo o contexto ambiental (Honorato, 2009). O cemitério e seu entorno são paisagens ricas em informações que nem sempre estão apresentadas de maneira evidente. “A

materialidade da relação entre lugar, pessoas e memória que se desdobra sobre aspectos sociais, políticos, econômicos e simbólicos da paisagem é o cerne da pesquisa arqueológica” (Forbes, 2007, p. 225). Assim como define Tânia Andrade de Lima (1994), os cemitérios são meios proeminentes pelos quais a sociedade é regradada, contida e segregada; em outras palavras, uma instituição. O local de deposição dos mortos é uma instituição que testemunha o período de sua construção, ou seja, o momento histórico no qual serviu à sua sociedade.

A modernidade vem acompanhada pela aversão ao fenômeno da morte, impondo e incentivando a ruptura nas relações entre mortos e vivos, entre sãos e doentes, e outros grupos marginalizados, como mendigos e imigrantes. Desta forma, é preciso ter claro que a organização espacial de uma sociedade nunca é indolente, e os mesmos sistemas de ilhamento que constituem as cidades dos vivos, definindo quem faz parte ou quem tem acesso a quê, também se impõem nos espaços dedicados aos mortos. A perspectiva geral das sociedades sobre a morte muda especialmente com o aumento dos movimentos higienistas do século XIX, momento no qual fatores biológicos em relação a contágios e insalubridade começam a ganhar força sobre os costumes relacionados aos ritos mortuários. O morto, que antes era familiar, e a morte, que antes era conhecida e esperada, tornam-se um grande incômodo para a sociedade. Como dito por Galiano (1991) no evento “Una Arquitectura para la Muerte – I Encuentro Internacional sobre los cementerios contemporâneos”,

A higiene escatológica que clareou o nosso rescaldo corre o risco, no entanto, de exagerar no seu zelo de limpeza, apagar os vestígios da morte para apresentar um trânsito leve e maquiado. Essa atitude leve corresponde, é claro, àquela observada em outras esferas do mundo contemporâneo, e a erosão das cerimônias e dos locais de morte não é diferente daquela sofrida pelas formas e espaços da vida (GALIANO, 1991, p. 35, tradução nossa).

Essa mudança forçada de comportamentos, visando à saúde dos vivos, causa interferência não apenas com um costume, mas muda a própria cultura da sociedade. A ocultação dos mortos passa a ser comportamento padrão, um certo receio em seu tratamento igualado ao tratamento de doentes infecciosos.

Ocultamos os mortos como ocultamos os doentes e os velhos; julgamos o

luto como uma patologia que pode ser curada, reduzimos os rituais funerários às caricaturas abreviadas e degradamos a arquitetura da morte até extremos desconhecidos na nossa cultura (GALIANO, 1991, p. 35).

Interferindo fortemente na cultura, ainda em tempos atuais permanece a aversão à morte e seus derivados, como se o ocultamento dos processos e dos corpos excluísse a morte como um todo. Não se dramatizam as lápides e os velórios, não se internaliza a perda (Motta, 2009), mas a partir do final do século XIX, encobre-se os ritos fúnebres nos quais o luto era anunciado - chegando a ser visto como algo com orgulho por quem o carregava - sendo trocados por velórios mais curtos, discretos e que requeiram menos movimentação ao redor da morte. O estudo de um cemitério pode suscitar reflexões sobre os valores do grupo que o produziu, bem como elucidar crenças e esperanças para o pós-morte. A memória permanece presente também no que diz respeito à morte em uma sociedade, suas manifestações e os elementos que as constituem. Os cemitérios se solidificam como lugares de memória por sua sinalização, mas também por guardar as memórias dos falecidos, suas histórias, suas relações, as diversas gerações de famílias diferentes que passam a ocupar um outro lugar após a morte.

Porém, a partir das ideias de “memórias em disputa”, colocada por Pollak (1989), os cemitérios também são territórios de memória de marginalizados, minorias ou grupos que a “memória oficial” não fez questão de preservar. Este é o caso do Cemitério Israelita de Cubatão (SP), popularmente conhecido como o “Cemitério das Polacas”, objeto de da pesquisa, ainda em andamento, que será apresentado a seguir. O cemitério, desativado pela Prefeitura de Cubatão (SP) em 1970, dispõe de túmulos tanto de homens quanto de mulheres, mas os sepultamentos são separados por gênero, em áreas distintas. Quanto à sua localização, o Cemitério das Polacas se encontra dentro do Cemitério Municipal de Cubatão – tendo seu portão de acesso em uma das ruas do Cemitério Municipal.

Para a pesquisa, foram utilizadas fontes bibliográficas sobre o tema dos cemitérios como

espaço de memória, somadas às fontes bibliográficas que tratam da migração de mulheres de orientação religiosa judaica para o Brasil e a atuação internacional da máfia de tráfico de mulheres *Zwi Migdal*. Visitas de campo ao Cemitério vem sendo realizadas desde 2018, o que nos tem permitido observar as alterações físicas no espaço, além da mudança do caráter histórico e social que o cemitério adquiriu nos últimos anos. Até o momento, foram realizadas entrevistas com os responsáveis pela administração do cemitério, tanto na Associação Cemitério Israelita de São Paulo (ACISP), quanto na Prefeitura de Cubatão (SP). Já o levantamento documental, ainda em fase inicial, é realizado no Arquivo Histórico de Cubatão, onde está o processo de tombamento do Cemitério, utilizado para esta pesquisa.

As histórias por trás dos muros do Cemitério das Polacas

Entre 1918 e 1921 ocorre uma das maiores ondas de migração de judeus da Europa Oriental, migração essa que se mantém até a Segunda Guerra Mundial. Os judeus da Europa Oriental buscavam países fora da Europa, especialmente nos EUA, mas também Canadá, Argentina e Brasil, na expectativa de uma vida melhor nas Américas, fugindo da escassez de recursos e das perseguições presentes especialmente no leste europeu (Tolts, 2010). Com relação à vinda de judeus para o Brasil, são consideradas quatro ondas migratórias: a primeira no ano de 1904, a segunda no período da Segunda Guerra Mundial, a terceira ocorre logo depois da Segunda Guerra Mundial e a quarta coincide com a revolta húngara, em 1956 (Saval, 2011).

A partir de diversos acordos entre o Brasil e outras nações fora das Américas, incentivou-se a chegada de imigrantes italianos, portugueses, espanhóis, alemães, austríacos, russos, húngaros, poloneses, tchecos, japoneses, sírios e libaneses, desejosos de tentar a vida no Brasil². O Brasil se interessou em receber um contingente populacional nos anos de 1920, a fim de concretizar

² Fonte: FGV – CPDOC, disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/IMIGRA%C3%87%C3%83O.pdf> Acesso em 25/04/2025.

contratos entre o governo brasileiro e polonês a partir da migração de agricultores europeus (ou seja, pessoas brancas) que confessassem a fé cristã. Neste acordo, porém, o governo polonês viu uma oportunidade de se livrar dos indivíduos indesejáveis que ocupavam os centros industriais, os bolcheviques e judeus. Com isso, mais da metade dos poloneses que entraram no Brasil entre 1924 e 1934 eram judeus, e não católicos, e se estabeleceram nas emergentes e industrializadas cidades brasileiras, tentando com isso escapar dos problemas causados pelo antisemitismo (Lesser, 1994).

Em 1920, muitos judeus saídos da Europa Oriental escolhem o Brasil como destino, e no início de 1930 a população judaica no país quase chegou a 60 mil pessoas (Lesser, 1994). Esses judeus da Europa Oriental se diferem dos demais por receber apoio de organizações internacionais destinadas a auxiliá-los a sair da Europa e se estabilizar no novo país. Assim, a entrada desses migrantes ocorre de forma acelerada pelos portos do Rio de Janeiro e Santos. A entrada desses judeus, em sua maioria poloneses, acontece em grupos familiares (tios, primos, etc.) dando a estes uma vantagem: uma força de trabalho maior e mais variada dentro do mesmo núcleo. A formação de tais grupos possibilitou a ascensão social e, conseqüentemente, oportunidade de serem fundadas sociedades funerárias, grupos para jovens de orientação religiosa judaica, sinagogas e escolas. Entre 1930-1935, mais judeus entram no Brasil do que em qualquer outro país americano à exceção dos EUA. Segundo Lesser (1994), o Brasil se torna um destino de interesse de judeus do leste europeu em virtude de algumas razões:

Uma das razões foi a localização. Para aqueles que desejavam se estabelecer na bem conhecida Argentina, o Brasil estava estrategicamente colocado e conveniente como uma estação no caminho fora da Europa Oriental. Um grupo judeu em São Paulo reclamou em 1921 que a maioria dos imigrantes estavam simplesmente “no caminho para a Argentina onde tem parentes” e muitos judeus poloneses planejavam trabalhar nas plantações de café do Brasil apenas até juntar dinheiro bastante para continuar para a Argentina. Porém pela metade dos anos 1920 judeus poloneses cada vez mais escolhiam não reemigrar pelo sul depois de descobriam as excelentes oportunidades econômicas no Brasil. Assim, enquanto judeus prosperavam em pequenas e grandes cidades ao longo dos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná durante 1920, eles enviam uma nova mensagem de volta a Polônia; Brasil não era mais

a “*land fun di mahples*” [terra dos macacos] mas uma terra de prosperidade e de poucos conflitos religiosos. Para os judeus que encontravam restrições sociais e econômicas na Polônia, o crescimento urbano do Brasil e seu desenvolvimento de economia industrial agiam como ímãs (LESSER, 1994, p. 185, tradução nossa).

Com o aumento da migração de judeus, o governo brasileiro impôs um número maior de regras migratórias, visando serem mais restritivas, como, por exemplo, que os migrantes provassem que poderiam se sustentar nas terras brasileiras. Alguns desses membros da família conseguiram empregos em plantações de café no Brasil, ou trabalhavam como mascates e comerciantes. Mas também houve aqueles que tiveram a sua vinda ao Brasil envolvida com atividades marginais e ilegais.

Neste contexto, as instituições-associações de judeus nas Américas se tornaram importantes, pois garantiam que os regulamentos e estipulações das novas leis de migração fossem cumpridas, assegurando a entrada dos migrantes. Assim, passou a agir uma organização criminosa, composta por homens judeus, conhecida inicialmente como Sociedade Israelita de Socorros Mútuos de Varsóvia, e que mais tarde se tornou a *Zwi Migdal*: máfia que recrutava, transportava e colocava em trabalho sexual moças oriundas em pequenas vilas de países do Leste Europeu (Valadares, Faiguenboim, Andreas, 2009). A *Zwi Migdal* foi responsável pela migração de grande número de prostitutas na América do Sul, fazendo com que Buenos Aires, entre 1880 e 1930, fosse conhecida como o terceiro centro do tráfico de mulheres mundial (Gruman, 2006). Segundo Gruman, a Sociedade de Varsóvia (Sociedade Israelita de Socorros Mútuos Varsóvia) era

uma organização de cafetões “polacos” que definia todas as regras de participação no negócio, desde os casamentos que deveriam realizar, os lugares onde deveriam recrutar as moças, os preços a serem pagos à família, as somas que deveriam ser entregues à polícia como forma de suborno. Era uma espécie de filial da organização fundada na Polônia (GRUMAN, 2006, p. 89).

Legalmente fundada em 1906, a Sociedade de Varsóvia foi desfeita em 1930, após o caso de corte de Raquel Liberman que acusava seu marido de forçá-la a prostituir-se, o que desencadeou uma investigação mais profunda sobre a Sociedade (Yarfitz, 2019). Durante seu

período de funcionamento, a *Zwi Migdal* fomentou um mercado de prostitutas europeias, vistas como mais desejadas na América do Sul, “[...] atração que exercia, seja ela polonesa, austríaca, russa ou judia, fundou-se na constituição de um imaginário voltado para a idealização das regiões distantes, povoadas por gente diferente” (Gruman, 2006, p. 88). Assim, as cidades portuárias e vilas operárias eram vistas como clientela em potencial pelo alto número de força de trabalho masculina. Na América do Sul, em particular na Argentina e no Brasil, a procura por prostitutas europeias era grande entre a alta burguesia, pois tratava-se de mulheres com características físicas muito distantes da maioria das mulheres e trabalhadoras do sexo encontradas no Brasil: predominantemente indígenas, negras e mestiças.

Dentre as mulheres europeias que se prostituíam, as mais procuradas eram as francesas, por sua nacionalidade e estereótipos culturais, e eram elas que cobravam preços mais altos. Já as prostitutas judias ficavam em um ponto intermediário entre as brancas europeias e as não-brancas brasileiras, podendo cobrar a mais se conseguissem se passar por francesas, especialmente no norte do país.

Considerações sobre a alvura judaica variam na América Latina. As primeiras comunidades de migrantes judeus-alemães possuem um *status* social mais alto do que os judeus do leste europeu que inundam as Américas a partir de 1890 até o fechamento dos portões em 1920. No Brasil, judeus residentes eram considerados não-negros, e permitidos de subir na hierarquia social enquanto judeus que chegam depois eram considerados não-brancos e indesejáveis (YARFITZ, 2019, p. 102, tradução nossa).

Independente de quais atividades essas pessoas desenvolviam nas Américas, os migrantes encontravam dificuldades em manter seus costumes ou praticar sua fé com os recursos das novas terras. Funerais e ritos fúnebres são exemplos de costumes que tiveram que sofrer adaptações, seja por sua própria funcionalidade, mas também para os tornarem mais palatáveis à sociedade já presente nas Américas. Até o século XIX, no Brasil, os enterros eram eclesiásticos, ou seja, de completa responsabilidade da Igreja e nestes cemitérios somente católicos poderiam ser enterrados. Todos os não-católicos (protestantes, judeus, muçulmanos, escravizados e indesejáveis) deveriam

ser enterrados em locais fora da Igreja católica e sua jurisdição, obrigando o governo brasileiro a criar cemitérios municipais e, no começo do século XX, a autorizar a fundação de cemitérios de orientação religiosa diferente da católica. Um dos problemas enfrentados por essas prostitutas judias era que, estas eram proibidas de frequentar sinagogas ou serem enterradas em cemitérios exclusivamente israelitas, em virtude de regras religiosas judaicas. Assim, no Brasil, a ação da *Zwi Migdal* proporcionou a formação de duas associações: a Sociedade Feminina Religiosa e Beneficente Israelita, em São Paulo; e a Associação Beneficente Funerária e Religiosa Israelita, no Rio de Janeiro.

As associações judaicas de ajuda mútua, em especial a de Santos, apresentaram-se como coletivos que se tornaram fundamentais para a formação e manutenção da identidade dos indivíduos que a ela pertenciam, em especial para os judeus que, ao chegar no Brasil, mantinham-se em uma situação de marginalidade. A Associação de Ajuda Mútua de Santos criava uma rede de sociabilidade entre judeus e judias que estavam envolvidos com prostituição, mas que buscavam manter suas raízes culturais e religiosas. Assim, a Associação de Ajuda Mútua de Santos foi a responsável pela construção de um cemitério no qual estas mulheres e homens pudessem seguir praticando suas crenças e religiosidade e deram ao grupo a organização do cotidiano. Ao se tornarem senhores do seu espaço religioso, seus membros não buscaram romper com o passado, mas ordenar o presente e construir o futuro nos rituais que consagram o sagrado, refazendo o pacto coletivo de construção de uma identidade religiosa (Le Goff, 1984).

Os muros que guardam histórias

Na segunda metade do século XIX ocorrem as primeiras movimentações governamentais para a construção de cemitérios públicos em São Paulo, em decorrência dos movimentos higienistas que começam a se agitar nesse período. Nas novas diretrizes desses cemitérios públicos pode-se citar sua característica laica, as construções longe dos centros das cidades e principalmente

feitas fora de territórios retidos ou relacionados às igrejas, como frisado em 1801 em Carta Régia (Cytrynowicz, 2008, p. 13).

Com o passar dos anos e a intensificação dos movimentos migratórios, que incrementam a chegada de não-católicos de diversas partes da Europa às Américas, a pressão sobre os governos dos municípios aumenta até que, em 1828, os municípios brasileiros são obrigados a construir e manter esses cemitérios públicos e sem orientação religiosa definida. É só em 1842 que chega ao governo de São Paulo o primeiro pedido, por parte de civis, para a construção de um cemitério não apenas laico mas também não-católico: o cemitério dos alemães que se inaugura em 1851, abrindo as portas para outras religiões também requererem a construção de seus cemitérios específicos.

As movimentações em volta da criação de um Cemitério Israelita têm suas origens em 1915, com as ações de um grupo de 109 participantes da comunidade judaica encaminhando um abaixo assinado ao prefeito de São Paulo, Washington Luís. Nesse abaixo-assinado, solicitava-se a construção de um cemitério exclusivamente judaico na cidade de São Paulo. Enquanto essa reivindicação não foi a que levou à fundação do cemitério de Cubatão, foi ela que evidenciou a recente organização da comunidade judaica ainda em formação no estado, de onde saíam diversos outros pedidos em favor da comunidade judaica. Em 1923 é fisicamente inaugurado o Cemitério Israelita da Vila Mariana, resultado do requerimento, abrindo portas para outros cemitérios israelitas começarem a ser formados.

O primeiro Cemitério de Cubatão, público e laico, é fundado em 1902, momento em que Cubatão ainda era distrito de Santos e ocupava uma área que hoje pertence à Refinaria de Petróleo Presidente Bernardes (RPPB), terreno localizado junto à Serra do Mar. Em 1950, esse terreno foi comprado pela RPPB, forçando o traslado do Cemitério Municipal, entre os anos de 1951 e 1953, para outro local. Esse outro local, determinado por lei, é o terreno chamado de Sítio Cafezal, “...à margem esquerda da estrada que conduz à Piaçagüera” (Alves, 1991, p. 2), comprado

anteriormente da empresa *Light And Power Company Serviços de Eletricidade S/A*.

Segundo informações da Associação Cemitério Israelita de São Paulo (ACISP)³, a fundação do Cemitério Israelita de Cubatão se dá em 1929, pela Associação Beneficente e Religiosa Israelita de Santos. Segundo a historiadora Evania Martins Alves,

O Cemitério Israelita em Santos, que data de 1919, foi transferido para Cubatão em 1930, ficando assim os dois cemitérios - o dos israelitas e o dos cubatenses - lado a lado. Com a instalação da Refinaria Presidente Bernardes na cidade, houve a transferência dos dois cemitérios para o atual endereço, onde era o antigo Sítio Cafezal (ALVES, 1991, p. 6).

Até 1949 Cubatão ainda era um distrito de Santos, e o Cemitério Israelita era instalado colado ao Cemitério Municipal, no terreno no sopé da Serra do Mar. As razões para toda essa movimentação era bem simples: o terreno ao pé da Serra do Mar era necessário para a construção da Refinaria Bernardes em Cubatão, obrigando então aos dois cemitérios a se moverem, em 1952, para o local atual, no Sítio Cafezal, hoje Rua José Vicente s/n (Valadares, Faiguenboim, Andreas, 2009). Pela linha do tempo, o cemitério tem no total aproximadamente 25 anos de existência no sítio do sopé da Serra do Mar, e 14 anos no novo local do Sítio Cafezal. Ao todo, aproximadamente, 39 anos de funcionamento.

A data marcada no sepultamento mais recente no Cemitério Israelita de Cubatão é de 1966. Em 1970, a Prefeitura de Cubatão fecha esse cemitério, e mais nenhum enterro é feito nele. Os enterros dos judeus não envolvidos com a prostituição eram feitos, antes da construção do Cemitério Israelita da Vila Mariana, nos Cemitérios municipais de Santos, Cubatão e São Paulo. É apenas em 1991 que um processo é feito para a desativação legal do Cemitério Israelita em Cubatão.

O estado físico desse cemitério já preocupava a comunidade judaica, apesar de tudo; estava

³ A Associação Cemitério Israelita de São Paulo também é chamada de *Chevra Kadisha* (CK ou ACISP-CK), nome dado a muitas instituições cemiteriais judaicas ao redor do mundo, expressão em aramaico que é traduzida para *irmandade sagrada*.

extremamente negligenciado, com plantas tomando conta e a poeira e contaminação de Cubatão cobrindo os túmulos em uma camada de poluição corrosiva negra⁴. Em 1995, a Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo propôs uma parceria com a prefeitura para restauro e reativamento do cemitério, mesma proposta já feita pela “Associação Feminina Beneficente Religiosa Israelita de Santos”, mas ambas as propostas naquele momento não foram atendidas pela prefeitura.

Após anos fechado e sem receber a devida manutenção, o Cemitério Israelita se encontrava em estado de avançado de deterioração. Porém, em 1996, a ACISP assume a direção e as responsabilidades de proteção do Cemitério Israelita, causando mudanças que começam a ser empregadas visando a preservação do local, que ficou fechado de 1967 até 1996. Um ano depois, em 1997, a ACISP e a prefeitura de Cubatão iniciam o processo de restauração do Cemitério. Em 2010 o Cemitério foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Cubatão (Condepac)⁵, se tornando assim o primeiro Cemitério Israelita do país a ser considerado como patrimônio histórico, além de um importantíssimo local para Cubatão e a comunidade judaica brasileira.

No momento da cerimônia de reinauguração, em 2019, foi requerido e concedido o “perdão” a essas mulheres judias envolvidas na prostituição. O historiador Nachman Falbel (USP) comenta que,

[...] a ética judaica mantém a condenação ao tráfico de mulheres e à prostituição, mas reconheceu que a situação de extrema miséria dos imigrantes do leste europeu no início do século XX foi um fator que facilitou a ação dos marginais responsáveis pelo tráfico de mulheres para o Brasil (Jornal Acontece, 5 de julho de 2019, p. 3).

A história dessas mulheres é parte do que faz desse cemitério um sítio arqueológico que

⁴ Na década de 1980, a cidade de Cubatão foi considerada pela Organização das Nações Unidas (ONU) a cidade mais poluída do mundo, devido à intensa poluição industrial. Fonte: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2024/06/23/cidade-brasileira-que-ja-foi-a-mais-poluida-do-mundo-virou-simbolo-de-recuperacao-ambiental-apos-tragedia-que-matou-93-pessoas.ghtml>. Acesso em: 25/04/2015.

⁵ Decreto N° 9588, de 25 de agosto de 2010. Arquivo histórico de Cubatão.

guarda histórias que não foram registradas, pelo contrário, que foram ocultadas. Apesar de pouca documentação e poucas produções científicas sobre o tema, é possível construir uma imagem das dinâmicas sociais em que estavam inseridas pela análise do cemitério em que descansam. A existência do Cemitério das Polacas materializa a necessidade deste grupo de mulheres de manter vivas suas tradições, mas também pode ser visto como forma de afrontar a marginalidade e exclusão pela via da solidariedade e da sociabilidade com base na religiosidade.

Considerações finais

Grande parte dos judeus oriundos da Europa Oriental que imigraram para o Brasil no início do século XX fugiam de perseguições religiosas e difíceis condições de vida e, portanto, buscavam construir uma imagem positiva na nova pátria imigrada. Assim, quando conta-se a história de antepassados, busca-se ressaltar suas qualidades, sua resiliência frente às dificuldades, sua força e conquistas. Assim se fazem as “memórias oficiais”. Porém, nem todas as histórias são gloriosas, muitas são compostas por passagens que alguns querem esquecer - seus descendentes ou a própria pessoa que a viveu. Memórias que são traumatizantes muitas vezes são excluídas das memórias oficiais através do silêncio.

As histórias dessas mulheres enterradas no Cemitério das Polacas foram silenciadas e, junto com a deterioração do cemitério, correram risco de desaparecer. Ao longo de décadas, junto com o apagamento das lápides, apagavam-se as referências à Sociedade Beneficente e Israelita de Santos. Desta forma, as lápides das polacas mantêm evidente a existência desta associação que surgiu a partir da necessidade de sociabilidade e solidariedade deste grupo de mulheres, envolvidas com a prostituição e, por isso, excluídas da comunidade judaica no geral.

O último sepultamento realizado no Cemitério Israelita de Cubatão foi em 1966, e em 1970, a Prefeitura de Cubatão encerra as atividades funerárias no cemitério. Porém, é apenas em 1991 que se realiza o processo legal para a desativação legal do Cemitério Israelita em Cubatão.

Em 1996, a ACISP assume a direção e responsabilidade de proteção do Cemitério Israelita de Cubatão, mas apenas em 2010 aconteceu o processo de tombamento do mesmo. Tornando-se o primeiro Cemitério Israelita no Brasil a ser considerado patrimônio histórico, após reformas, o cemitério é reaberto para visitas em 2019, e atualmente faz parte de lugares históricos tanto da Baixada Santista quanto da comunidade judaica.

Quanto ao número de pessoas sepultadas no Cemitério, as fontes fornecem informações conflitantes. No processo de tombamento de 2010 contam 75 túmulos, 55 de mulheres e 20 de homens, já no trabalho de Evania Alves – o primeiro a ser realizado no local, antes mesmo do processo de tombamento – há 68 túmulos, 49 de mulheres, 13 de homens e 6 sem identificações. Ainda no trabalho de Alves (1991) é mencionada uma lista de nomes, datada de 1981, realizada pelo chefe do Cemitério Municipal de Cubatão, Luiz Paulo Mallen Barbosa, na qual constam 65 nomes, 45 mulheres e 20 homens. Porém, no livro *Os primeiros judeus de São Paulo* (2009) são mencionadas outras duas listas: uma possivelmente feita pelo município, datada de 1º de julho de 1994, na qual há 65 nomes, e a outra é a lista organizada pelos autores do livro na qual se contam 68 nomes, 49 mulheres e 13 homens. Os próprios autores mencionam que há discordância: “[...] faltam-nos treze nomes da relação municipal e dois nomes da lista publicada por Alves” (Valadares, Faiguenboim, Andreas, 2009, p. 283).

Quando se estuda a história do Cemitério das Polacas de Cubatão e se observa a vivência comunal experimentada nas sociedades de ajuda mútua, percebe-se que se tratava de um grupo que, ainda que marginalizado, não estava excluído da sociedade - prova disso é que foi possível a aquisição de um terreno para a construção de um cemitério próprio - e tampouco desejava apagar sua cultura e suas crenças, procurando manter suas tradições religiosas e fúnebres, além de reforçar sua identidade judaica, defendendo-se da comunidade mais ampla. Assim, preocupados em se proteger e manter sua identidade judaica, tanto do ponto de vista cultural quanto religioso, formou-se em Santos a Sociedade Beneficente e Religiosa Israelita de Santos, resguardando os preceitos

da religião nos ritos funerários de seus membros. O indivíduo não morre quando seu corpo perde seus sinais vitais, um indivíduo morre quando é esquecido, quando não deixa sementes. O Cemitério das Polacas mantém vivas as memórias dessas mulheres e preserva sua existência que se faz fundamental conhecer, não apenas pela sociedade judaica, mas pela sociedade brasileira que também tenta ocultar essa história.

Referências bibliográficas

ALVES, Evania Martins. *O Cemitério Israelita de Cubatão: 1930 a 1967*. Monografia (Bacharel em História). UniSantos: Santos, 1991.

BARTEL, Brad. *A historical review of ethnological and archaeological analyses of mortuary practice*. *Journal of Anthropological Archaeology*. v. 1, p. 32-58, 1982.

CYTRYNOWICZ, Monica Musatti. CYTRYNOWICZ, Roney. *Associação cemitério israelita de São Paulo 85 anos: Patrimônio da história da comunidade judaica e da cidade de São Paulo*. São Paulo: Narrativa Um, 2008.

FORBES, Hamish. *Meaning and Identity in a Greek Landscape: An Archaeological Ethnography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

GALIANO, Luis Fernandes. Memento mori. In: *Una arquitectura para la Muerte: I encuentro internacional sobre los cementerios contemporaneos*. Sevilla: Junta de Andalucía. Consejería de Obras públicas y transportes. Dirección general de arquitectura y vivienda. 1991.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

GRUMAN, Marcelo. *A Prostituição Judaica no Início do Século XX: desafio à construção de uma identidade étnica positiva no Brasil*. PPGAS-MN-UFRJ. Campos, 2006.

HONORATO, Laina da Costa. Arqueologia da paisagem e geoarqueologia: experiências em projetos de pesquisa. In: *Tópos*. São Paulo: v. 3, n. 1, p. 127 - 147, 2009.

JORNAL ACONTECE. Comunidade israelita pede perdão às mulheres judias injustiçadas, sepultadas em Cubatão. In: *Jornal Acontece*. Ano XIX. Nº 1024. acontecedigital.com.br: 05 de julho de 2019.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Tânia de Andrade. De morcegos e caveiras a cruzes e livros: A representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX. In: *Estudo de identidade e mobilidade sociais*. Anais do Museu Paulista. São Paulo: v. 2, p. 87-150, 1994.

LESSER, Jeffrey. *The Immigration and Integration of Polish Jews in Brazil, 1924-1934*. The Americas, Vol. 51, n. 2, p. 173-191. Academy of American Franciscan History: 1994.

MIGNON, Molly Raymond. *Dictionary of Concepts in Archaeology*. London: Greenwood Press, p. 204-209, 1993.

MOTTA, Antônio. Formas Tumulares e Processos Sociais nos Cemitérios Brasileiros. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: v. 24, n. 71, p. 73-93, 2009.

OLIVEIRA, Maria Aparecida da Silva. Práticas funerárias na arqueologia: Pluraridades e patrimônio. In: *Clio Arqueológica*. Pernambuco: v. 33, n. 2, p. 1-43, 2018.

PEREIRA, Rodrigo. *Arqueologia, patrimônio material e legislação: conceitos, aplicações e perspectivas*. Curitiba: InterSaber, 2017.

SÃO PAULO (Cubatão). Decreto Nº 9588, de 25 de agosto de 2010. Dispõe do tombamento do Cemitério Israelita de Cubatão e dá outras providências. Arquivo histórico de Cubatão.

SÃO PAULO (Cubatão). Lei Nº 55, de 8 de dezembro de 1950. Desapropria área de terras necessárias ao novo Cemitério Municipal. Arquivo histórico de Cubatão.

ROSKOSKI, John. *The Lions Of Judah*. St. Peter's University, Omega Bible Institute. v. 15 (18), 2014.

SAVAL, Malina. *Brazil Celebrates Century of Eastern European Jewish Immigration*. Chabad.org. 2011. Disponível em: <https://www.chabad.org/news/article_cdo/aid/1530286/jewish/Brazil-Celebrates-Jewish-Century.htm>. Acesso em: 05/10/2020.

SOUZA, Ana Cristina. Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. In: *Habitus*. Goiânia: v. 3, n. 2, p. 291-300, jul./dez, 2005.

TOLTS, Mark. *Population and Migration: Population since World War I*. YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe. 2010. Disponível em: <https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Population_and_Migration/Population_since_World_War_I>. Acesso em: 05/10/2020.

VALADARES, Paulo. FAIGUENBOIM, Guilherme. ANDREAS, Niels. *Os Primeiros Judeus de São Paulo: uma breve história contada através do Cemitério Israelita de Vila Mariana*. Rio de Janeiro: Fraiha, 336 p. 2009.

VENSON, Anamaria Marcon. PEDRO, Joana Maria. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. In: *História Oral*, São Paulo: v. 15, n. 2, p. 125-139, jul.- dez. 2012.

YARFITZ, Mir. *Impure Migration: Jews and Sex Work in Golden Age Argentina (Jewish Cultures of the World)*. London: Rutgers University Press, 203 p. 2019.